



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: QUEM SÃO MESMO OS EDUCADORES E EDUCANDOS DA EJA?

CARNEIRO, Ana Carolina Santos¹

¹ Especialista em Educação à Distância-Universidade do Estado da Bahia-UNEB; Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Feira de Santana-BA; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Desenvolvimento, Política e Desenvolvimento. Linha de Pesquisa: Educação, Trabalho e Meio Ambiente. E-mail: educamunicipal@live.com.

EIXO TEMÁTICO: PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

RESUMO

Este trabalho traz o debate sobre os principais sujeitos da Educação de Jovens e Adultos que é o professor e os estudantes. Para isso, buscou referências em três importantes autores que tratam do tema que é Leôncio Soares (2008), Miguel Arroyo (2006) e Nilton Fischer (2006) dentre outros. A problemática em questão é identificar a identidade docente e dos educandos da EJA nesta contemporaneidade. Com objetivo de compreender sobre a formação inicial e continuada do professor, a sua atuação profissional e quais as implicações para essa modalidade. E, identificar quem são os jovens e os adultos que estudam na EJA nessa atualidade. Através do estudo bibliográfico desses autores citados dentre outros podemos perceber que o trato desse tema evidencia uma tendência para a construção de consistentes aprofundamentos aos conceitos que são comuns discutirem na área da EJA e que necessita ser aprofundados. Toda a diversidade que traz essa modalidade da educação nos ajudou compreender quem é o educador e estudante da EJA e qual a relação o educando tem com seu campo de trabalho. Revela-se também que é necessário buscar o aprofundamento de conceitos básicos nesta área, como por exemplo o conceito de juventudes, formação social e emancipação dos sujeitos nesses dias atuais a fim compreendermos a Educação de Jovens e Adultos para além do que já conhecemos sobre seu nascedouro histórico com vistas na busca pela qualidade da EJA no país.

Palavras-Chaves: Educadores; Educandos; Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que tem suas bases na Educação Popular e como tal surgiu para atender as demandas sociais no que tange ao processo de alfabetização dos sujeitos que por algum motivo não permaneceu ou não tiveram acesso à escola. Contudo, historicamente a EJA, como é popularmente conhecida, é uma modalidade de ensino pouco valorizada pelas instituições do sistema formal de ensino, tanto da educação básica quanto da educação superior. Diante dessa realidade, não é de se esperar que o poder público não tem



direcionados esforços consistentes para a promoção de uma educação de qualidade e a oferta do ensino sem limite de idade. Assim, podemos dizer que o nascedouro da EJA é a Educação Popular e tem nos espaços informais de educação um dos seus principais defensores, incentivadores e promotores.

É nesse ínterim que torna a educação de jovens e adultos uma modalidade de ensino tão diversa quanto aos sujeitos que fazem parte desse grupo. São jovens, adultos, idosos, estudantes trabalhadores, cada um desses traz consigo particularidades de contextos bastantes diversificados, e é nesse movimento que se insere o professor da EJA. Com relação a esse profissional da educação, os debates têm enfatizado sobre quem é esse professor da EJA, qual é a sua formação e como configura-se a sua prática profissional nesse campo de atuação.

Assim, para tratar sobre o professor da EJA também tem que estar claro na nossa discussão quem é o estudante da educação de jovens e adultos. As apresentações das ideias difundidas aqui mostrarão como uma reflexão sobre os cursos de formação inicial de Pedagogia e licenciaturas se torna um indicativo importante para compreendermos esse sujeito na sua base de formação enquanto profissional. Relacionando a formação inicial do professor da EJA apresentaremos uma análise feita por Soares (2008) sobre um curso de formação em Pedagogia com habilitação na educação de jovens e adultos. Mostraremos como esse curso configurou-se numa Universidade Federal de Minas Gerais e como esta formação específica conduziram os egressos desse referido curso para o seu campo de atuação.

Mais adiante iremos tratar sobre os desdobramentos da VII Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (ENEJA), realizado em 2005, no Distrito Federal, que resultou numa solicitação dos organizadores para o acontecimento de um seminário sobre formação de professor da EJA e que resultou nas produções e esclarecimentos acerca desse estudo e dos autores anteriormente citados. Esses debates e pesquisas realizadas pelos autores Leôncio Soares, Miguel Arroyo e Nilton Fischer serviram de base para compreendermos o processo histórico de formação do professor da EJA, a relação do professor com o seu campo de trabalho e como esses processos tem implicação em algo muito maior no contexto da EJA que não está atrelado tão somente ao docente como sujeito isolado.



Trata-se, portanto, de um estudo teórico-reflexivo, que busca trazer para o debate uma reflexão acerca de quem são os educadores e educandos da EJA, traçando um diálogo entre os pressupostos teóricos de Miguel Arroyo (2006), Nilton Fischer (2006) e Leôncio Soares (2008). Tem como foco principal a formação dos educadores da EJA, de forma a romper com o modelo de ensino adotado na maioria das instituições de ensino de Educação de Jovens e Adultos que, quase sempre, não atende as demandas e interesses dos sujeitos que frequentam essas instituições.

Breve contextualização da EJA no Brasil

Em seu contexto histórico, a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, sempre existiu devido as lacunas deixadas pelo sistema regular de ensino. Além disso, surgiu para atender demandas como resolver o problema do analfabetismo e um mercado de trabalho que necessitava de mão de obra especializada. Dessa forma, a EJA surge da relação e compromisso constituído entre a alfabetização e a educação popular. Miguel Arroyo (2001) aponta que a Educação de Jovens e Adultos teve sua história gerada no seio dos movimentos populares e por meio de experiências vinculadas à educação popular.

Sobre a educação popular Freitas (2007, p. 53) explica que

É um termo relacionado à possibilidade de poder honrar a origem, as necessidades e características da maioria da população, contribuindo para que os setores explorados, oprimidos e marginalizados possam, também, aprender e, com isto, eliminem a condição do “não saber” como mais um fator de exclusão em suas vidas. Esta é a dimensão política deste processo, muito bem defendido por vários movimentos populares de libertação e pelos trabalhos de Paulo Freire.

Neste sentido, a Educação de Jovens e Adultos, segundo Friedrich (2010), tem sido sublinhada por uma educação compensatória de caráter emergencial. Dessa forma, percebemos como esta modalidade de ensino é caracterizada pela diversidade de cor/raça, idade, gênero, religiosa entre outras. Os estudantes da EJA são, em sua grande maioria, formados por aqueles sujeitos que não tiveram a oportunidade de estudar numa escola regular porque optou pelo trabalho e o sustento, outros por não possuir o mesmo ritmo de aprendizagem e por diversos motivos. Ainda, existem os jovens em distorção



idade série que estudam na EJA com outros adultos que não estudaram e/ou abandonaram os estudos.

Existem também aqueles estudantes que abandonaram por anos a escola regular e decidem retornar a estudar. Nas turmas da Educação de jovens e adultos existem os que o denominam de diferenças geracionais, essa é uma das diversidades existente na EJA. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2007,

A Educação de Jovens e Adultos era frequentada em 2007, ou anteriormente, por cerca de 10,9 milhões de pessoas, o que correspondia a 7,7% da população com 15 anos ou mais idade. Das cerca de 8 milhões de pessoas que passaram pela EJA antes de 2007, 42,7% não concluíram o curso, sendo que o principal motivo apontado para o abandono foi a incompatibilidade do horário das aulas com de trabalho ou de procurar trabalho (27,9%), seguido pela falta de interesse em fazer o curso (15,6%) (PNAD, 2007).

Observamos através dos dados da PNAD que foram apontados diversos ensejos indicados pela pesquisa que faz com que os estudantes da EJA desistam ou abandonem a escola formal. Isso torna em evidência que não se deve generalizar uma única condição ou motivações dos estudantes do retorno a escola, do abandono inicial, reincidente desses sujeitos que buscam a escola por diferentes projetos de vida.

Quem é esse professor da Educação de Jovens e Adultos?

Fischer (2006) problematiza que devemos nos questionar quem é esse educador de adultos numa conjuntura da sociedade atual. Isto servirá para iniciar os debates discutidos por ele fazendo um contraponto sobre as ideias de Miguel Arroyo (2001) quanto ao perfil do professor da EJA. O professor que atua na Educação de Jovens e Adultos, muitas das vezes, é o profissional que trabalha também no diurno nas redes regulares de ensino. É um professor que já inicia suas atividades com a sobrecarga de trabalho de salas com muitos estudantes matriculados, ou seja, são aqueles que estão na EJA para a complementação da sua renda salarial. A esse respeito, Fischer (2006, p. 34) diz,

Considero que é indispensável uma ‘mirada’ de dois ângulos, de um lado está o contexto histórico em que hoje esse profissional atua, com



seus múltiplos horários de trabalho, em turnos e escolas diferentes e também o entorno social em que não se constata mais as claras relações entre movimento docente, lutas por direitos e enfrentamentos de poderes ditatoriais.

Assim, devido a longa jornada de trabalho, o docente, com essa atuação particular, acaba por realizar nas classes de EJA as mesmas propostas e atividades que é planejada para os estudantes em série/ano regular, não levando em consideração as especificidades dos educandos, exigindo uma postura e atuação profissional diferenciada.

Neste contexto, o profissional que atua na EJA por estar numa condição de trabalho nesse formato de cumprimento de cargas horárias com relativo tempo para a reflexão da sua própria atuação profissional, tendem a não conseguir identificar fatores na sua atuação que não promova uma prática pedagógica voltada para a diversidade.

Quem são os estudantes da EJA?

Os estudantes da EJA, como já sinalizado, em sua maioria, são aqueles que trabalham e depois de um dia de atividades laborais estão numa instituição de ensino formal ou informal no noturno para concluir a Educação Básica. Esses optaram por trabalhar para ajudar no sustendo de suas famílias, outros diante dessa difícil tarefa de ser estudante e trabalhador, desistem no percurso, voltando até mesmo a estudar depois de anos fora da escola. Esses estudantes que desistiram de concluir os estudos retornam, quase sempre, com uma ideia que isso irá trazer benefícios imediatistas para atender as exigências do mercado de trabalho, outros para ler a bíblia, fazer a lista do supermercado, ler a bula de remédio, identificar nomes de ruas e itinerários dos ônibus coletivos, fazer cálculos, entre tantos outros motivos.

Estudar numa classe tão diversa para cada sujeito torna-se um dilema tanto para quem estuda quanto para quem ensina, pois são estudantes que estão em defasagem da série/ano e por ventura a escola impulsiona para que esteja na EJA. Outros estudantes que retornam à escola para estudar, na perspectiva de aprender a ler, alfabetizar-se, formata uma classe de jovens, adultos, idosos e trabalhadores.

Para Fischer (2006) assim como devemos nos indagar qual o perfil do educador da EJA precisamos também saber quem é esse discente que estuda nessa modalidade.



Os professores devem se apropriar desse perfil de estudante compreendendo que participam de alternativas para se inserir na sociedade. Pondera ainda que o estudante da EJA não é só aquele que estuda no noturno, existem aqueles que trabalham no noturno e estudam no diurno, mulheres que são trabalhadoras dos lares, aqueles que são os imediatistas que estudam porque querem seu emprego, aqueles que querem ter uma folga da rotina pesada de trabalho. De fato, ele discute que diante de tantas pesquisas realizadas sobre essa temática, ainda é necessário a ampliação nos debates sobre juventude e tudo o que o representa.

Sendo assim, Di Pierro (2005) alerta sobre a organização das instituições de educação encarcerarem os sujeitos com os modelos de ensino do público infantil e adolescente. Na sua concepção,

(...) o paradigma compensatório acabou por enclausurar a escola para jovens e adultos nas rígidas referências curriculares, metodológicas, de tempo e espaço da escola de crianças e adolescentes, interpondo obstáculos à flexibilização da organização escolar necessária ao atendimento das especificidades desse grupo sociocultural (SOARES, 2008, p. 95 apud DI PIERRO, 2005, p. 1.118).

A ideia compensatória para acabar com analfabetismo no país e atender uma demanda social sem vistas na qualidade da educação para os sujeitos que estão inseridos nesse contexto educativo, fizeram que importassem os mesmos modelos, estruturas curriculares, não valorizando as ricas vivências que os estudantes da EJA trazem do contexto em que vivem, em que trabalham, na participação que tem em sindicatos, associações de moradores, do mundo do jovem, das experiências dos idosos. Dessa forma, o modelo ensino ainda adotado pela maioria das instituições de ensino formal que trabalham com a EJA não dialoga com os sujeitos. Instituições as quais, em geral, reproduzem e demonstram que o conhecimento tem uma relação de poder, unilateral e “bancária”.

No entender de Fischer (2006), é de suma importância compreender quem são esses sujeitos que estuda na EJA, onde eles estão inseridos. Observa ainda que,

A segunda relação se encontra no necessário “debruçar-se” com os temas emergentes de pesquisa e que perpassam “as juventudes” independentemente de onde elas estejam (nossos alunos de EJA na



cidade, no campo, na vila, na escola, na igreja, no sindicato, etc.) (FISCHER, 2006, p. 38).

Portanto, devemos nos atentar ao que Fischer chamou a nossa atenção, que é mister que encaremos os desafios de ordem teórica com fins no aprofundamento e na compreensão coerente de quem são os sujeitos que estudam na EJA. Muitas das vezes pensamos que o jovem que estuda na EJA ainda possuem características como as que fomos outrora. Talvez não consideramos as conquistas destes estudantes como emancipatórias, pois é possível que utilizamos referências ideais das mesmas que foram utilizadas por outros no passado, sem relacionar essas conquistas com as possibilidades reais vividas diante desses sujeitos. Nesse sentido, Fischer (2006, p. 38) diz que,

Esquecemos que o real, o vivido por esses nossos alunos, está mais próximo possível entre essa diferença daqueles que têm acesso aos bens e os outros que não os possuem. Sujeitos que muitas vezes vivem da esmola, do mercado informal. Essa dimensão do contraste nos ajuda a compreender os limites e as demandas de nossos alunos, entre aquilo que poderia ser entendido como algo imediatista e aquilo que estaria no plano mais de longo prazo, sendo o primeiro considerado alienado e o segundo mais “consciente e crítico”. Então quero buscar, respeitando o teu argumento, que, ao colocarmos o perfil do emancipatório, colocamos um olhar que reflete mais os nossos projetos dos anos 60, em que nossas práticas de inserção estavam associadas com projetos de conscientização baseados num ideário de Paulo Freire, que muitas vezes era uma espécie de negação dos descompassos e deixávamos de observar quando ocorriam “pedaços” de conquistas, que são pequenos ganhos dos sujeitos e que, muitas vezes, não são por nós entendidos como revolucionários e conscientizadores.

Ou seja, a realidade vivida pelos estudantes da EJA nos ajuda a compreender quais as limitações dos sujeitos frente ao acesso ou não aos bens culturais. Isso evidencia um paralelo quando identificamos quem tem acesso a esses bens e quem não tem, quando se percebe limitações no processo de formação, politização e consciência críticas desses sujeitos da EJA.

Generalizar o perfil de estudante emancipatório e crítico dos que não são tomando como base os estudos iniciais de Paulo Freire na década de 1960, sem valorizar as conquistas dos estudantes desse tempo levando em conta seus limites e possibilidades frente ao acesso e as barreiras sociais e culturais, é não reconhecer no seu percurso enquanto sujeito histórico o que Fischer (2006) denominou de pedaços de conquistas revolucionárias para o seu contexto.



Formação de educadores da EJA: na percepção de Leôncio Soares, Miguel Arroyo e Nilton Fischer

Muito se tem questionado sobre a formação de educadores de jovens e adultos, nas instituições escolares e não escolares que ofertam essa modalidade, sobre as condições de aprender dos estudantes da EJA, os currículos e os projetos políticos pedagógicos, os meios para a promoção da educação de forma emancipatória para os sujeitos. Surge o destaque ao tema sobre formação de educadores da EJA a maior necessidade de aprofundamento nos estudos e produção de conhecimento em questão.

A partir dos debates promovidos no VII ENEJA (Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos), realizado no Distrito Federal, no ano de 2005, como já sinalizado, foi encaminhado ao Ministério de Educação uma proposta para realização de um seminário sobre formação do educador da EJA. Sabendo da importância desse evento e sobre os resultados dessas proposições que evidenciamos as discussões aqui, também quanto as participações de importantes autores, a saber Miguel Arroyo (2006), Nilton Fischer (2006) e Leôncio Soares (2008), para o processo de construção do conhecimento com o recorte sobre a formação de professores de jovens e adultos.

A realização desse seminário, organizado pelas Universidades Federais de Minas Gerais, serviu para o aprofundamento e análise sobre a formação do professor da EJA. Podemos afirmar, tão importante para a compreensão dos processos da Educação com o público jovem, adultos e imprescindível para a ascensão, ampliação do conhecimento em formação de educadores da EJA com implicações na atuação do profissional. Diante disso, a formação do docente da EJA é colocada no centro do debate. Tem se questionado que os cursos de Pedagogia e licenciatura evidenciam uma formação superficial para o trabalho com a EJA e o não aprofundamento sobre como será a atuação no mercado de trabalho do profissional no campo da Educação de Jovens e Adultos.

Os cursos de Pedagogia têm enfatizado o trabalho voltado para crianças e adolescentes, mas quanto ao adulto não há uma consistência para uma prática pedagógica voltada para esse público. Arroyo (2006), quando trata sobre as Diretrizes Curriculares dos cursos de Pedagogia diz que,



Sobre as novas diretrizes curriculares para o curso de Pedagogia, não sei se elas trazem alguma legislação específica a respeito da formação de um perfil para o educador de jovens e adultos. Talvez não, porque se supõe que, em se falando de formação de educadores, tudo se encaixa no mesmo molde. Esse caráter universalista, generalista dos modelos de formação de educadores e esse caráter histórico desfigurado dessa EJA explica por que não temos uma tradição de um perfil de educador de jovens e adultos e de sua formação (ARROYO, 2006, p. 18).

Enfatizando assim, que não devemos ter uma visão da Educação de Jovens e Adultos como uma extensão do ensino regular do diurno, mas que devemos perceber a EJA como uma modalidade de ensino que deve ser tratada com suas reais diversidades. Dessa forma, o perfil do professor da EJA deve ser diferenciado. Sendo assim, mais do que nunca deve-se refletir sobre o perfil do professor da Educação de jovens e adultos, como um profissional politizado, que percebe os sujeitos que estão nessa modalidade de ensino, seu contexto social, econômico e também experiências trazidas pela vivência como base para o processo educativo de ensinar e aprender na EJA.

Diante disso, podemos questionar: Que se tratando da lacuna deixada na atuação do professor da EJA pelos cursos de licenciatura ou de Pedagogia isso tem refletido negativamente na promoção dessa educação em questão? Essa ausência tem negado aos sujeitos que estudam na EJA o seu direito de aprender tornando o contexto de vida do estudante como invisível para o professor? Esses questionamentos levam em consideração a realidade dos egressos estudantes de Pedagogia com habilitação em EJA de uma instituição superior em questão e suas implicações na sua atuação profissional no campo de formação. Trata de uma pesquisa realizada por Leôncio Soares, desenvolvida nos anos de 2003 a 2005, com o objetivo de entender sobre a atuação do educador da EJA que já havia concluído o curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gérias, onde foi analisado a trajetória profissional, quem eram esses estudantes, em qual período cursaram.

Foi evidenciado nos estudos realizados por Soares (2008) que os egressos do curso de Pedagogia com habilitação em EJA existia uma ausência de relação entre a formação inicial com o campo de atuação pois, a configuração das classes da EJA, a diversidade que se apresenta nessas turmas, numa educação voltada para o ensino



supletivo, na maioria das vezes essas particularidades da educação de adultos não dialogavam com a formação do graduando do curso em questão.

Embora na legislação nacional preconiza que atuação profissional docente deve ter habilitação específica, na prática não se tornou o diferencial para esses sujeitos pesquisados, pois ainda se acredita que qualquer pessoa pode ensinar na EJA ou alfabetizar adultos. Isso traz uma fragilidade muito grande com relação ao campo de atuação para aqueles que tem uma formação específica quanto a atuação profissional na Educação de Jovens e Adultos.

Desta forma, essas ocorrências perpassam pelo debate no campo da legalidade, do direito dos sujeitos a educação permanente e de qualidade, ao cumprimento da lei vigente que rege que aqueles que atuam na modalidade da EJA devem ter habilitação específica, quanto a fragilidade do ensino quando na atuação profissional do pedagogo não há o espaço para o professor da EJA refletir sobre a sua prática pedagógica e ampliar os seus conhecimentos em educação de adultos, na sua formação em serviço e de fato, isso demonstra uma ausência de políticas públicas consistentes para essa modalidade de ensino.

Na perspectiva da valorização profissional para aqueles que tem formação específica para atuarem na EJA torna-se quase nulas, pois é raro concursos públicos para ser professor na Educação de Jovens e Adultos. A EJA como habilitação específica é uma formação pouco valorizada e ainda tratam essa modalidade de forma extensiva ao ensino regular não levando em consideração as bases populares que surgiu a educação de adultos e nem a influência das teorias/ filosofias Freirianas baseada na educação emancipatória, crítica dos sujeitos e do meio em que vivem.

Mesmo diante de poucos cursos de licenciaturas com habilitações específicas no país e esses profissionais de educação em EJA estejam no campo de atuação de forma restrita, os cursos de formação devem garantir aos docentes um aprofundamento das múltiplas variedades de estudantes que estão nessa modalidade, o posicionamento político do educador e uma prática pedagógica voltada para a emancipação dos sujeitos. Isso foi retratado por Leôncio Soares (2008) quando trata sobre o fortalecimento da área de educação de adultos com a construção de um quadro de profissional constituído por profissionais para atuar com esse público. Segundo o referido autor,



A constituição de um quadro profissional – formado nos cursos de Pedagogia, nas licenciaturas e nas redes de educação formal e não-formal – para atuar junto a um público específico contribuirá para o fortalecimento da área, para a (re) configuração desse campo de trabalho e, certamente, para o melhor atendimento de parcelas significativas da população que foram precocemente excluídas das ações de escolarização (SOARES, 2008, p. 98).

Discute ainda sobre as dificuldades que os professores tiveram para atuarem no campo de formação, pois não foi exigido no mercado de trabalho uma formação específica como também não foi o diferencial ter a formação. Isso é real pois, ainda pouco se exige para ser professor da EJA, para alfabetizar jovens e adultos, apenas possuindo o ensino médio, mostrando de fato um descaso com a educação pública de qualidade, não atendendo as exigências que trata a lei, que aqueles que atuam nessa modalidade de ensino devem ter formação específica.

Nilton Fischer (2006), por sua vez, provoca o leitor a refletir sobre quem é esse profissional da EJA e quem são seus estudantes na nossa contemporaneidade. Informa, que precisamos aprofundar no conceito sobre formação social para compreender os jovens de hoje. Assim, aponta para o estudo sobre juventude e quais os seus reais anseios. Corroborando com o que temos enfatizado no decorrer deste estudo, Fischer pondera que o que compreendemos por uma educação emancipatória deve levar em conta qual é o limite das possibilidades dos nossos jovens levando em consideração as ausências sociais, culturais e econômicas as quais estão inseridos. Considerá-las pode resultar em reconhecer que diante de limitações impostas numa sociedade de exclusão, os avanços, as conquistas atingidas por esses devem ser consideradas (FISCHER, 2006).

Qual a relação trabalho e educação dos estudantes da EJA?

A relação educação e trabalho na EJA é muito presente, visto que o trabalho torna-se prioridade para os jovens e adultos como forma de subsistência e sobrevivência. A educação é vista por esses estudantes em específico, como forma de conseguir uma atividade laboral que ofereça maior remuneração e vantagens pessoais. O processo de certificação na modalidade de Educação de jovens e adultos é um dos objetivos daqueles que ingressam na EJA para se inserirem e modificarem a condição



econômica, social e não para que a educação seja o mote em questão da própria emancipação.

Um dos grandes desafios e dilemas na EJA é a valorização do processo de certificação pelos estudantes em detrimento de uma educação voltada para emancipação dos sujeitos, do senso crítico da realidade, da transformação social, insistimos. Sendo assim, nas instituições de ensino promovem uma educação aligeirada com relativa reflexão do próprio contexto a qual estão inseridos.

Essa situação pode ser, pelo menos parcialmente, explicada pela configuração histórica da EJA no Brasil, fortemente marcada pela concepção de que a educação voltada para aqueles que não se escolarizaram na idade regular é supletiva e, como tal, deve ser rápida e, em muitos casos, aligeirada (SOARES, 2008, pg. 97, apud DI PIERRO, 2005, pg. 97).

Nesse interim tanto Soares como Di Perro traz a característica de uma EJA aligeirada no qual não gerará emancipação dos sujeitos e nem uma participação crítica e cidadã.

Considerações finais

Diante das reflexões e considerações feitas no decorrer deste artigo, levando em questão os estudos teóricos de três importantes autores para a Educação de jovens e adultos, nesse caso, Leôncio Soares, Miguel Arroyo e Nilton Fischer, pudemos perceber diferentes desafios no campo da EJA, principalmente quando trata sobre formação do educador. A ausência do aprofundamento de estudos voltado para a EJA nos cursos de licenciatura, dito por Arroyo, ratifica a dificuldade que o professor tem em desenvolver uma prática contextualizada voltada para a diversidade dentro da educação de adultos partindo dos diferentes sujeitos que estudam e o contexto ao qual estão inseridos.

Embasado nos teóricos supracitados, acreditamos que a formação inicial dos docentes voltada para públicos infantis e adolescentes podem ser um indicativo que as práticas educativas não estejam dialogando com as reais necessidades dos estudantes da EJA. Dessa maneira, pode estar influenciando no que alguns autores denominam de expulsão dos estudantes da escola formal.



O estudo evidenciou que é importante que saibamos reconhecer os diferentes jovens que estudam na EJA, desde aqueles que trabalham, dos que não trabalham, seus ideais. Foi evidenciado também que a ausência de políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos tem gerado consequências ainda negativas a esta modalidade de ensino. Embora a Educação de Jovens e Adultos tenha ganhado alguma visibilidade e conseguido algumas conquistas, é importante que avancemos na construção de uma educação de jovens e adultos contextualizada e emancipatórias aos sujeitos. Mostrou-se também a necessidade de compreendemos e ampliarmos alguns conceitos que são base para a EJA, um desafio teórico, como bem pontuou Fischer (2006) sobre o conceito de juventude.

A Educação de Jovens e Adultos por ter seu nascedouro na educação popular os professores não podem perder de vista esta atuação política, crítica, de diferentes realidades com vistas a emancipação dos sujeitos. Por isso, provocamos aqui o exercício da reflexão sobre os cursos de licenciatura e de Pedagogia existirem em sua estrutura curricular uma base na educação popular, promovendo uma formação voltada para emancipação, contextualização de realidades vividas no campo ou na cidade, desenvolvendo nos sujeitos a capacidade de identificação das reais necessidades existidas e buscando soluções constantes. Esse eixo estruturante deve perpassar toda a estrutura curricular independente de qual campo desse sujeito irá atuar.

Enfim, importante perceber diante dos estudos feitos que tratar a Educação de Jovens e Adultos sem a devida seriedade pelos poderes públicos resultará em graves índices de analfabetismo no país. Diríamos ainda que uma participação cidadã ainda limitada e uma relativa clareza dos sujeitos das camadas populares sobre os seus direitos humanos, como saúde, moradia, educação, saneamento básico entre outros, ainda negligenciados pelos governantes brasileiros.

REFÊRENCIAS

ARROYO, M. **A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão.** Revista de Educação de Jovens e Adultos, São Paulo, nº.11, abr. 2001.

ARROYO, M. **Formar educadoras e educadores de jovens e adultos.** Organizado por Leôncio Soares. Belo Horizonte: Autêntica/ SECAD-MEC/ UNESCO, 2006.



DI PIERRO, Maria Clara. **Notas sobre a definição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil.** Educação e Sociedade, Campinas, número especial, v.26, out. 2005.

FISCHER, NILTON B. **Formação de professores de EJA. Comentários interativos com o professor,** Miguel González Arroyo. Organizado por Leôncio Soares. Belo Horizonte: Autêntica/ SECAD-MEC/ UNESCO, 2006.

FISCHER, Márcia. (Org.) **Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas.** Ensaio Aval. Pol.Públ. Educ, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p.389-410, abr/jun. 2010.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. **Educação de jovens e adultos, educação popular e processos conscientização: intersecções na vida cotidiana.** Educar em Revista, num. 29, 2007, pp. 47-62. Universidade Federal do Paraná.

FRIEDRICH, Márcia. (Org.) **Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas.** Ensaio Aval. Pol. Públ. Educ, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p.389-410, abr./jun. 2010.

PNAD-Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios/IBGE: Aspectos Complementares da Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional 2007. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 de maio de 2016.

SOARES, Leôncio. **Formação de educadores de jovens e adultos /** organizado por Leôncio Soares. Belo Horizonte: Autêntica/ SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

SOARES, Leôncio. **O educador de Jovens e Adultos e sua formação.** Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 47, p. 83-100, jun. 2008.